



Faltavam poucos minutos para as oito da manhã quando atravessei a porta do oitavo ano. O dia estava parcialmente nublado, assim como a minha mente. Que surpresas poderiam surgir do primeiro contato ativo com uma turma que eu acompanhei algumas manhãs e que, agora, estaria em minhas mãos?

O que dizer eu sabia, mas o como me colocava nervosismo na mente. Cada indivíduo tem suas particularidades e com as turmas não é diferente. O que poderia me fazer chegar mais perto dos estudantes que, até então, me viam como alguém à parte de seu universo?

O medo de não me fazer entender era a preocupação que liderava a fila. Logo adiante, e como consequência desta, se encontrava a vontade de tomar o melhor caminho didático, de escolher as abordagens mais “corretas”. Tudo não passou de besteira.

A realidade se sobrepõe à qualquer tentativa de antecipação e o momento dita aquilo que lhe é mais apropriado. O controle é apenas parcial e quem deseja que ele seja totalitário apenas se ilude. Tom de voz. Questionamentos. Conhecimentos prévios. Anotações.

Tentativas frustradas de pedidos de atenção e silêncio. Tentativas bem sucedidas de pedidos de atenção e silêncio. Logo após, uma palavra dita ao fundo e tudo se acaba. Nada permanece. A frase e a oração já se misturam e, no final, será que rezar ajuda?

2 No texto, uma pergunta, que eu faço junto a Drummond: “E agora, José?” Colocá-los como protagonistas da aula é a coisa mais palpável na mente. Conseguir que cinco recitem Drummond já parece mais do que o esperado.

No fim, entres vivos e feridos, ninguém morre. Nem eu, nem você, nem José, pois somos duros. E agora? Para onde marchamos? Para um novo período de pequenas, grandes, desconhecidas e deliciosas turbulências.